



# Kiev

## A Cidade das Cúpulas de Ouro parte 1

Três anos a viver em Kiev permitiram a João Martins Pereira conhecer a capital da Ucrânia de A a Z. Nesta edição: Ucrânia de A a M.

Por João Martins Pereira [www.joaoartinspereira.com](http://www.joaoartinspereira.com)



Para a Elsa Martins

Cheguei a Kiev, ou Kyiv na versão foneticamente mais correcta do original em ucraniano, apenas 10 anos depois da incontornável tragédia de Chernobyl e uns escassos cinco anos após a independência.

Tinha diante de mim o extraordinário, e algo inesperado, desafio profissional de instalar e dirigir um escritório internacional de serviços de assessoria financeira em Kyiv. A proposta era profissionalmente estimulante e pessoalmente fascinante. Irrecusável, portanto. Confesso que, na altura, da Ucrânia conhecia pouco mais que o Dínamo de Kiev, Chernobyl, a renomada “Chicken Kiev” (que, aliás, não passa nem perto da gastronomia local) e o conceito apreendido na escola primária dos idos de 60 que “a Ucrânia era o celeiro da Rússia”. Ignorantemente, nem tinha ideia da grandeza do povo, das atrocidades (várias e contínuas) da história, da excelência do intelecto, da capacidade de abnegação, sofrimento e superação dos ucranianos.

Um verdadeiro salto no escuro.

Vivia-se uma época onde tudo acontecia, a ritmo diário, com grandes e aceleradas transformações políticas, económicas, sociais, culturais. Para alguns (poucos) a fortuna súbita, dúbia e imensa, para outros (muitos, quase todos) o romper da teia, opressiva, sufocante, mas protectora, e o descobrir dum mundo novo com oportunidades e ameaças, para que, na generalidade, não estavam preparados nem informados. A História (re) construía-se à minha vista e ao meu alcance e, por vezes, deixava-me até ser um minúsculo figurante.

Por Kyiv ficámos quase três anos, magníficos, de experiência de Vida. Pela realidade que me deu a conhecer, pela humildade que me mostrou ser dignificante, por me ter levado a ser um ser humano melhor, a minha gratidão à Ucrânia é eterna.

Aqui fica o meu roteiro sentimental de um povo superior e de uma cidade belíssima. 🌐

### Andreyevskiy Spusk

Uma das mais antigas ruas de Kiev, outrora a via principal de ligação entre a Cidade de Cima, nobre de palácios e catedrais, e a Cidade de Baixo, habitada por mercadores e artesãos.

É hoje uma rua, na verdade uma ladeira com forte inclinação, vibrante e uma das principais atracções turísticas da cidade. Chamada a Montmartre de Kiev, a Spusk (no carinhoso diminutivo usado pelos locais) alberga galerias de arte, cafés, pequenos teatros, museus, lojas de artesanato e antiguidades.

Vendedores de souvenirs, desde memorabilia soviética às inevitáveis matrioskas, dos gorros de pelo às cópias dos relógios militares, das t-shirts “McLenin” aos trajes tradicionais, tudo se vende na Spusk. Pintores mostram os seus trabalhos na rua, músicos, cantores, atores, performers de várias artes trazem vida e animação à zona. Chegada a Primavera, começa a época de festivais, concertos, manifestações e celebrações públicas.

No ponto mais alto da Spusk, encontramos a Andreyevskaya, a Igreja de Santo André, construída no sec XVIII por ordem da Imperatriz Isabel. Diz a lenda que onde hoje corre o Dniepre havia um mar. Quando Santo André chegou à cidade, colocou uma cruz no exacto sítio onde hoje se ergue a Igreja. De imediato, o mar

recuou, deixando apenas alguma água no interior da colina que, quando a Igreja foi construída, brotou de uma fonte sob o altar. Por esta razão, a Igreja de Santo André não tem sinos, uma vez que o som acordaria as águas adormecidas e Kiev ficaria submerso.

Era o meu percurso sempre repetido dos domingos de manhã. Por isso lhe digo, por mais curta que seja a visita a Kiev, não fica completa sem um par de horas a vaguear despreocupadamente pela Spusk.



### Bandura

A Bandura é o instrumento musical tradicional da Ucrânia. Para mim, leigo na matéria, parece-me ser uma guitarra de grandes dimensões e muitas cordas...

Na realidade, penso ser um instrumento que resume o compromisso entre uma viola, um alaúde e uma harpa, traduzido nas 68 cordas que, habitualmente, ostenta. Elemento fundamental na música tradicional da região, a bandura era presença certa nas margens da Spusk, cativando os passantes com a imagem do instrumento, a pose e habilidade do bandurista e o som encantatório que produzia.

Na minha despedida da cidade, uma das memórias que trouxe foi precisamente uma Bandura, que guardo com zelo emocional e frustração por não saber utilizar.





## Circo

Uma arte maior – ensinada a nível universitário, apreciada, prestigiada e reconhecida – na tradição cultural da Europa Central e Oriental.

O Circo de Kiev tinha sede num edifício imponente – ao melhor estilo da arquitectura do realismo soviético – numa das praças mais movimentadas da cidade.

A escola circense (ao tempo) soviética foi, é, será das mais conceituadas do Mundo, a par da chinesa, então menos conhecida. Os menos novos de nós, lembrar-se-ão certamente do deslumbre

que foram as primeiras apresentações do Circo de Moscovo no vetusto Coliseu dos Recreios, na segunda metade dos anos 70.

Em Kiev, no Circo, assisti a espectáculos magníficos da mais elaborada e rigorosa arte circense que me fizeram reviver tristemente os paupérrimos, por vezes degradantes, espectáculos (?) de circo ambulante que percorriam a província em Portugal nos anos 50 e 60.

Na Ucrânia o Circo tem o lugar que merece de direito, entre as Artes maiores.

## Dnipro (ou Dniepre ou Slavutisch)

Dnipro ou Dniepre ou Danaper são versões do nome que os Romanos deram ao rio Slavutisch, original em Eslavo antigo do rio que banha a cidade de Kiev.

São quase 2.400 quilómetros de curso de água que, vindo do norte da Rússia, atravessa a Bielorrússia e a Ucrânia, até encontrar o Mar Negro.

Nas margens do Dnipro, a norte de Kiev, fica a tristemente famosa central nuclear de Chernobyl. À data do acidente, o capricho dos elementos, nomeadamente os ventos, poupou Kiev e empurrou as chuvas e poeiras radioactivas para norte e nordeste, marcando indelevelmente, até hoje, a Bielorrússia, os Países Bálticos e até a Escócia. Conheci, pessoalmente, alguns – os próprios ou seus descendentes - ucranianos de várias profissões – médicos, engenheiros, operários – que à data do acidente, aliás escondido e negado pelas autoridades soviéticas durante cerca de sete dias até as radiações e a contaminação se tornarem evidentes, incontroláveis e inegáveis, marcharam (pelo que me asseguraram) voluntariamente a caminho da contaminação certa e da provável morte lenta e atroz. Gente de outra condição.

Apesar das medições dos níveis de radioactividade não serem superiores a qualquer outra cidade europeia, por vezes até inferiores, tomávamos algumas precauções elementares, como não beber água da torneira, mas aproveitámos o rio, em tudo o que tinha para oferecer, durante o Verão. Praias fluviais, ilhotas propensas e convidativas a passeios e actividades de ar livre,

atraíam centenas de kievenses.

O Inverno trazia outro encanto ao rio, com a superfície gelada, palco de caminhadas acidentadas, pista de patinagem para os mais afoitos e corajosos, supostamente sabedores da espessura da camada de gelo.

Os mais conhecedores das manhas da invernia faziam da superfície de água gelada um cais de pesca, sentados nos seus bancos de campanha no meio do rio (!), com a linha de pesca pendurada num furo feito no gelo, até encontrar a água no estado líquido. Nunca percebi se pescavam alguma coisa ou se era apenas um passatempo aparentemente suicidário.



## Evgeny Vuchetich

Escultor maior da corrente do Realismo Socialista, nasceu na cidade de Yekaterinoslav, hoje Dnipropetrovsk, na Ucrânia. Com inúmeras obras monumentais no espaço da então URSS, é o autor de um dos mais emblemáticos símbolos da cidade de Kiev, o memorial evocativo da II Guerra Mundial, cuja face mais conhecida é uma estátua de 62 metros de altura, totalmente construída em titânio, conhecida como a Mãe da Pátria.

A figura feminina (a que os Ucranianos, carinhosa e

respeitosamente, chamam “Olga” como invocação do nome feminino mais popular no país) tem um escudo de armas da URSS na mão esquerda – que, creio, não terá sido alterado até hoje – e uma espada erguida na mão direita.

Curiosamente, se repararmos bem, a ponta da espada está cortada, como uma espátula. Porquê? Simples, mesmo nestas coisas das evocações históricas, o peso da religião conta mais, e a ponta da espada era mais alta do que o topo da cruz da Torre do Sino do Lavra ...

## Futebol (ou seja, Dynamo Kyiv)

Os ucranianos são latinamente emocionais quando o assunto é futebol. O Dínamo de Kiev é, obviamente, uma instituição da cidade, seguida, amada e idolatrada por milhares de seguidores.

Eu era presença regular no velhinho estádio Lobanovskyi, homenagem ao treinador Valeriy Lobanovskyi, mentor do grande Dínamo de sucesso europeu e, de algum modo, da escola de futebol soviética dos anos 70 e 80. Apesar de ter apenas 16.000 lugares (para os jogos maiores e competições internacionais, o Dínamo recorria ao Estádio Olímpico), implantado no meio de (mais um) belíssimo parque da cidade, o Lobanovskyi conseguia um ambiente fantástico. As bancadas de betão eram, para protecção da

neve e do gelo e para a comodidade possível dos espectadores, revestidas de estrados de madeira. O som, amplificado pelo estádio, de 16.000 pessoa a bater com os pés nos estrados de madeira era verdadeiramente impressionante e, tenho a certeza, intimidante para a equipa adversária.

Tive a oportunidade de ver grandes jogos de uma magnífica equipa do Dínamo com alguns jovens jogadores que, nos anos seguintes, se imporiaram no panorama europeu, Andriy Shevchenko, Serhey Rebrov, Oleg Luzhny, entre outros.

Na minha festa de despedida de Kiev, os meus colegas ofereceram-me uma camisola do Dínamo que guardo com carinho.



## Gorilka

É a palavra para Vodka. Pode até, mais genericamente, designar qualquer bebida alcoólica destilada (foneticamente, a palavra é muito semelhante a “gority”, que significa “queimar” em ucraniano).

Muitos ucranianos destilam a sua própria Gorilka caseira, então chamada Samogon (literalmente, destilação própria ou produção própria), a partir de cereais vários, batata, mel, beterraba, etc., etc. Uma das variedades mais conhecidas da vodka ucraniana, é a Pertsivka, basicamente gorilka com uma infusão de malaguetas. Muito popular entre os ucranianos, e não deixando de ser saborosa, asseguro que não proporciona um acordar muito pacífico...

A imaginação dos ucranianos é prodigiosa no que toca a aditivar, aromatizar, macerar, o que quer que seja, a sua vodka. No mercado local, encontramos assim variedades aromatizadas com bagas silvestres, morangos, alperces, pétalas de rosa, ervas silvestres, limão, laranja, cravinho, pimenta, hortelã, ameixas, mirtilos e por aí fora. São, normalmente, envelhecidas em casa, em ciclos climáticos de sol e gelo. Haja coragem!

“And bring us a lot of gorilka, but not of that fancy kind with raisins, or with any other such things — bring us gorilka of the purest kind, give us that demon drink that makes us merry, playful and wild!” escreveu Nikolai Gogol, provavelmente sabendo do que falava!

## Havana, aka Caribbean Club

Era a discoteca mais frequentada pelos estrangeiros residentes em Kiev no final dos anos 90. Gerida por Pepito - um cubano habanero mulato, divertidíssimo e semi-alucinado, ex-estudante de qualquer vaga carreira universitária de que nem ele próprio se recordava com precisão, que tinha decidido trocar a morna dolência caribenha pelo rigor do gelo dos Cárpatos - tinha boa música e um ambiente descontraído e agradável.

Principalmente pelas idas para a (e as vindas da) discoteca fiquei a

conhecer uma realidade (alternativa) da cidade, a rede de transportes público/privados. A rede de táxis (ditos) oficiais era escassa, principalmente à noite e durante o Inverno. A opção era simples, rápida e muitíssimo eficaz: bastava fazer sinal ao primeiro carro que passasse, que, após breve negociação do preço, nos conduzia ao destino pretendido. Viajei assim vezes sem conta, de dia ou de noite, em carros particulares desconhecidos, muitas vezes já parcialmente ocupados com outros passageiros, sempre sem o mínimo problema ou incidente.



## Ikra

É a palavra original, em língua russa, para as ovas frescas de esturjão, o caviar. Em rigor, a designação “caviar” ou “caviar negro” deveria ser reservada às ovas de esturjões selvagens dos Mares Cáspio e Negro.

Das quatro variedades principais de caviar, o mais raro e mais caro é o Beluga do Mar Cáspio, repartido pelo Irão, Kazakistão, Rússia, Turkménistão e Azerbeijão. Distingue-se pela elegância do sabor e pela untuosidade suave e dimensão dos ovos. De seguida, o caviar do esturjão Sterlet, de pequena dimensão e cor dourada, extremamente raro e hoje em dia quase extinto no estado selvagem, o caviar sterlet era iguaria reservada aos Czares da Rússia, Shajs do Irão e Imperadores Austro-Húngaros. No fim da escala da qualidade, o Ossetra e o Sevruga, dado o seu paladar mais agressivo e menos refinado e os ovos mais duros e de menor dimensão.

A captura excessiva, a pesca furtiva e a poluição têm feito diminuir drasticamente os stocks de esturjão selvagem, estando hoje a espécie sujeita a captura controlada, ou mesmo interdita, na maior parte dos países produtores. Como consequência directa, os preços de mercado dispararam para valores astronómicos.

Comecei a apreciar caviar em Kiev, quando provei, pela primeira vez, as ovas frescas, não sujeitas a processamento nem conservação. Era, na verdade, uma explosão sublime de aroma e textura que pouco, ou nada, tinha a ver com o caviar enlatado e conservado que até então eu conhecia. No mercado, em época própria, os comerciantes de caviar apresentavam uns barris pequenos de madeira, cheios (!) de uma pasta negra untuosa, fluida e olorosa. Um frasco de meio-litro de caviar fresco de primeira qualidade custava, nessa altura, entre 20 e 30 dólares.

Programa de domingo à tarde: rumo ao mercado para comprar um frasco de caviar, outro de nata azeda (smetana), uns pés de aneto ou cebolinho. Fazer uns blinis caseiros e em cada um montar uma colher de caviar, um pouco de smetana e um toque das ervas acabadas de cortar. Recuperar a garrafa de vodka do congelador e dar graças à vida.



## Jovovich, Milla

Milla Jovovich é uma digníssima representante da beleza ucraniana. Top model, atriz, cantora e designer de moda, Milla nasceu em Kiev, daí partindo para deslumbrar o Mundo.

Jack Palance, Mila Kunis, Vera Farmiga, David Duchovny,

Dustin Hofman, Wayne Gretzky, Andryi Sveschenko, Serguei Bubka, Wladimir e Vitaly Klitschko ou Rick Danko são apenas alguns exemplos contemporâneos de ucranianos de nascimento ou origem que fizeram carreira internacional de relevo no meio artístico e desportivo.

## Kreschatyk

A mais conhecida e a mais movimentada das avenidas (boulevards) de Kiev, estende-se por mais de um quilómetro entre a Praça da Europa e a Praça Bessarabia, com o seu famoso mercado (ver Rínohk Bessarabsky). Uma avenida ampla, monumental, bordeada de castanheiros, implantada onde outrora corria um rio num vale densamente arborizado, ao tempo uma das áreas de caça favoritas dos príncipes de Kiev. O rio terá, aliás, sido encanado com a construção da avenida fazendo, ainda nos dias de hoje, o seu curso subterrâneo ao longo da Kreschatyk até encontrar o Dnipro.

No final do século XIX, a avenida conheceu a sua primeira época de

esplendor, com belos edifícios de fachadas em pedra e as melhores lojas, restaurantes, hotéis e teatros da cidade.

A Kreschatyk guarda em si e nas suas cicatrizes, a história recente da cidade. De facto, durante o período de turbulência que se seguiu à Revolução de 1917, muitos dos seus edifícios foram danificados, consequência da luta pelo controlo da cidade que passou sucessivamente pelo domínio dos Ucranianos, Alemães, Polacos e Bolcheviques.

A Segunda Guerra Mundial nela escreveu algumas das suas páginas mais trágicas e sangrentas. Supostamente, a maioria dos seus edifícios foram armadilhados com explosivos numa acção de cobertura da retirada do

## Lavra

Situado nas colinas da margem direita do Dnipro, o magnífico Kiev-Pecherskaya Lavra aponta as suas cúpulas douradas ao céu. É, juntamente com a Catedral de Santa Sofia, Património Mundial da Humanidade. Conhecido como o Mosteiro das Cavernas (literalmente “pechera” significa caverna, e “lavra” é a designação comum para os mais importantes mosteiros de clausura masculina), é desde a sua fundação em 1015 uma das referências principais da Igreja Ortodoxa Cristã do Oriente. A comunidade foi iniciada por António, um monge grego que se estabeleceu nas colinas do Dnipro, fundando a Ordem dos Antonitas. Ao longo dos tempos, o Lavra tornou-se no maior e mais importante mosteiro da Grande Rússia. São 30 hectares amuralhados que albergam dezenas de edificações, mais de 20 catedrais, igrejas e templos, museus e o complexo de cavernas que servia de retiro e abrigo aos monges. Hoje em dia, os edifícios de maior relevo são a Torre do Sino (ponto mais elevado de Kiev – ver Evgeny Vuchetich), a Grande Igreja da Trindade, a Igreja do Salvador de Berestov e a Catedral da Ascensão, destruída durante a Segunda Grande Guerra e agora reconstruída. Para além da beleza e grandiosidade da decoração dos templos, nomeadamente as cúpulas douradas e os frescos no seu interior, o Lavra alberga ainda importantes colecções de ícones ortodoxos. Continua a ser o mais simbólico ponto de peregrinação para os Cristãos Ortodoxos de todo o mundo, fazendo Kiev ser conhecida como a “Jerusalem Russa”.



## Maidan Nezalezhnosti

Ou a Praça da Independência (designação que adquiriu após 1991, com a independência política do país), porventura a praça mais emblemática de Kiev. Atravessada pela Kreschatyk, a Praça da Independência é um ponto incontornável da vida da cidade, albergando desfiles, paradas, concertos, manifestações de vária ordem e hordas de turistas. Tal como a Kreschatyk (ver acima), a praça foi severamente danificada durante a 2ª Guerra e posteriormente reconstruída ao estilo soviético, com edifícios imponentes como o Hotel Ukraina ou a Estação Central de Correios. Tornou-se internacionalmente (re)conhecida por ser o centro de dois movimentos políticos de massas, a “Ucrânia sem Kuschma” e

a posterior “Revolução Laranja”, motores das alterações políticas e sociais que se seguiram. O famoso primeiro discurso de Viktor Yuschenko (ver abaixo) como Presidente eleito teve, simbolicamente, lugar nesta belíssima praça. Renovada a partir de 2001, numa obra não isenta de polémica e contestação, a sua decoração tradicional com seis fontes e a bela coluna que suporta a estátua do protector de Kiev, o Arcanjo Miguel, foi substancialmente alterada. Exibe, ainda, monumentos aos míticos fundadores de Kiev, os irmãos Kyi, Schek e Khoryv, ao Cossaco Mamay, herói do folclore nacional, e a estátua evocativa de uma mais recente descoberta, Berehynia, uma obscura deusa eslava, protectora do lar e símbolo da sociedade matriarcal.

Exército Vermelho. As divisões alemãs ocuparam a cidade em 1941 e mais de 300 dos belos edifícios da Kreschatyk foram demolidos por accionamento remoto das cargas explosivas. Durante os dois anos de ocupação alemã, a avenida foi conhecida por Eichhornstrasse. A partir de 43, com a libertação de Kiev, começaram os trabalhos de reconstrução, ao estilo arquitectónico que subsiste até aos dias de hoje e constitui um perfeito exemplo da chamada Arquitectura Estalinista, cristalizada no famoso Hotel Ukraina (ver Maidan Nezalezhnosti) Hoje em dia, a Kreschatyk volta a albergar algumas das melhores lojas de Kiev, de grandes marcas internacionais, e, de novo, restaurantes e

esplanadas. Nos domingos de Primavera e Verão, a avenida é fechada ao trânsito e é ponto de encontro e passeio de habitantes e visitantes.

